

## Rubem Braga

M 162  
e M 13.7.52

# PELÉ ENTRE OS ESCRITORES

**D**EPOIS de dona Carolina de Jesus aparecem outros autores estranhos a disputar o favor do público. Um deles é Pelé. Garrincha talvez também faça um livro através de conversas com Paulo Mendes Campos; e estou em que, embora Pelé seja mais produtivo como goleador, o livro de Garrincha terá mais ingenuidade e malícia.

Pelé empolga, provoca admiração, entusiasmo, berros, em uma escala certamente superior a Garrincha; mas não produz aquêlo riso de vitória, que é riso de alegria e também de graça que o homem de pernas tortas provoca ao deixar para trás, de assento no chão, dois ou três adversários. Garrincha parece bicho esperto de folclore de índio, cuja vitória sempre faz rir, porque é a vitória do (aparentemente) menos forte contra o bacana formidando. O bacana vira "João", como a onça enganada pelo macaco ou pelo jabuti.

Há, entre os profissionais, certas reservas sobre a invasão da área literária e jornalística por pessoas estranhas. Essa reserva é mais forte entre os jornalistas, alguns dos quais já acharam que a gente devia reagir contra a impostura de certos "para-quedistas" da imprensa.

Eu acho que não. Em primeiro lugar porque o dono de um jornal tem o direito de convidar quem quiser para escrever nêle, e pagar quanto bem entender. E se paga muito a um desses "para-quedistas" do jornalismo, tanto melhor; isso apenas poderá servir de argumento ao profissional para exigir salário mais alto. Em segundo lugar porque os cronistas se dividem, afinal de contas, em duas espécies: os bons e os maus. Um craque de futebol ou um grande cartaz de cirurgia que se mete a escrever num jornal não escapa a essa classificação.

Se o craque de futebol se revela um bom cronista esportivo, então acontece que êle é mesmo um bom cronista esportivo, e pode exercer êsse ofício com honra e proveito — sem que ninguém tenha de que se queixar. Se êle não é um bom cronista esportivo, pode acontecer que seus escritos despertem interesse durante algum tempo devido à curiosidade do público ou às revelações que êle fizer em seus primeiros trabalhos no jornal. Mas a curiosidade logo se cansa, o novo escritor logo esvazia o seu saco e fica sem ter mais o que dizer; no fim de um mês ou dois sua seção está enfadonha, e então o diretor do jornal trata de rifá-lo suavemente. O mesmo acontece com o cirurgião, a môça de sociedade, o cantor célebre, o herói militar, o político popular etc.

Escrever no jornal é a secreta aspiração de muita gente; isso lhe parece um meio fácil de obter glória e proveito, e fala à sua vaidade. No fundo o número de pessoas que julga que poderia ser, se quisesse, um bom escritor ou um bom jornalista, é enorme. O médico ilustre lê uma crônica de Rachel de Queiroz, contando uma história de um menino que ela conheceu no Ceará, e contando com tôda a simplicidade. Admira a crônica, se emociona; depois se lembra de um caso ou de vários casos que êle mesmo sabe, e pensa lá no fundo de seu coração: "bem, se eu tivesse tempo, também poderia escrever uma coisa assim".

E até secretamente acha que com sua experiência da vida, talvez pudesse escrever melhor; sente-se inclusive, capaz de fazer um pouco de estilo, visto que conhece bem o seu português e já leu muitos bons autores.

Não lhe ocorre que Rachel de Queiroz é, como êle mesmo, um profissional; que dedicou a maior parte de sua vida a escrever e lidar com coisas de literatura, como êle também passou sua vida tratando dos outros e lidando com coisas de Medicina. Que aquela simplicidade admirável e aquela fôrça de emoção de uma crônica de Rachel não são um acaso; são resultado de uma aptidão natural, mas também de um longo "métier"; que, antes de cada frase que ela escreve, houve um trabalho, consciente ou inconsciente, de seleção entre mil outras frases que ela poderia ter escrito. E que, como profissional, o orgulho de Rachel é o mesmo de um sapateiro que faz um bom sapato. E que sua simplicidade só pode iludir ao leigo; que se amanhã você pegar uma senhora inteligentíssima que seja também, suponhamos, uma grande química, e pedir para ela escrever no lugar de Rachel, ela será provavelmente complicada, e acabará simplória quando tentar ser simples.

Não, não há maiores mistérios nessa coisa de escrever. Apenas prática e jeito; afinal de contas tôdas as palavras estão no dicionário ou na bôca do povo, trata-se apenas de colocá-las umas atrás das outras. Uma pessoa que jamais escreveu pode fazer isso uma ou algumas vêzes com extraordinária felicidade; mas logo esgotará suas "chances" e se sentirá incapaz de um trabalho literário ou jornalístico permanente e sério.

Os "para-quedistas" do jornalismo ou da literatura não podem, portanto, oferecer nenhum perigo. Se escrevem realmente bem, já não são para-quedistas. Se o são, acabam por levantar vôo outra vez para outras e mais excitantes aventuras...